

MITO: OS CAMINHOS PARA COMPREENDER O MUNDO DOS GREGOS NAS NARRATIVAS HERÓDITIANAS¹

Rômulo Henrique Andrade Silva²

Marinalva Vilar de Lima (orientadora)³

Introdução

Os resultados das investigações de Heródoto de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam.⁴

A citação acima traz um trecho inicial da obra *Histórias*⁵ do autor Heródoto. E ao lermos tal obra nos deparamos com um conjunto de livros que buscam trazer a nós os motivos que fizeram os helenos e os bárbaros a lutarem entre si, como também o autor busca trazer a importância dos feitos desses povos. Portanto se trata de investigações feitas pelo autor para descobrir os motivos que guerreavam, e os feitos que estes povos fizeram. E como também uma obra que trás uma introdução de uma antropologia social, onde mostra o olhar de Heródoto sobre o seu universo, ou seja, os helenos, como sob o universo do outro, os bárbaros.

A obra de Heródoto se destacava na época antiga por se tratar em conjunto de investigações, como já falamos, o autor fizera no intuito de descobrir os motivos da guerra entre helenos e bárbaros. Portanto se destaca em ser uma obra, onde o autor pretendia se basear de fatos, de acontecimentos concretos. O que vemos é a preocupação do autor em fazer investigações para encontrar os “reais” motivos que provocou a guerra entre gregos e bárbaros. Apresentando ainda uma obra rica de *mythos*, de lendas e fabulas.

É a partir dessa gestão que esse artigo tem o como assunto base. Ou seja, buscamos entender na obra as *Histórias* como o autor utilizou da influência do mythológico. Então nosso objetivo central vem em perceber como foi representada nas suas obras a atuação do mito.

¹ Este texto é a primeira tentativa de sistematizar as idéias sobre os estudos que temos realizado da obra de Heródoto. Tem caráter provisório e incipiente, visto que a pesquisa está em seu início. Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Membro do Grupo de Estudos Clássicos e Medievais da base Plataforma Lattes/CNPq.

³ Professora Adjunta da Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Membro do conselho consultivo da SBEC. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Líder dos grupos de Estudos Clássicos e Medievais e Memórias da Loucura em Campina Grande. Membro do Conselho Consultivo da SBEC. Orientadora dos projetos de pesquisa “Nas trilhas livianas: história e tramas da Roma imperial” e “Heródoto: o mito e a religião como explicação das *Histórias*”.

⁴ Heródotos, *História*. Introdução e Tradução de Mario da Gama Kury – Brasília Editora Universidade de Brasília, 1985, pp. 19.

É nosso objetivo então buscar o estudo da mitologia, na obra as *Histórias*, obra de Heródoto de Halircanassos, percebendo como ela aparece, ou seja, buscando ver nesta obra de Heródoto mesmo com seu caráter investigativo, racional, percebendo ainda a presença das narrativas míticas. Marcadas pelos os cultos aos deuses, fatos maravilhosos. Ou seja, perceber as atuações mitológicas nas narrativas de Heródoto.

Nossa metodologia de trabalho busca a partir do conceito de representação trazido pela a história cultural, partir para perceber ao lermos *Histórias*, entender suas histórias, como seu autor narrou e representou os fatos mitológicos, ou seja, os fatos fabulosos, os mitos, e compreendendo suas relações com os personagens narrados. Portanto, buscamos – nos entender as narrativas heroditianas como representações construídas por Heródoto, e percebendo como o mesmo utilizou de certas representações para ritos, para mitos, ou seja para inserir os fatos maravilhosos em suas narrativas.

Para tal análise contamos com algumas leituras fundamentais, como Roger Chartier; como Jean-Pierre Vernant, Hartog, e principalmente a partir Heródoto de Halicarnassos. Tais leituras respectivamente vêm a nos contribuir no conceito de representação, de mitologia grega, como no próprio conceito da historiografia Heróditiana.

Para nós tem importância a estudar a antiguidade clássica, pela grande influencia do universo grego sobre o mundo contemporâneo, que vem no campo da ciência, do teatro, ou seja, o pensamento ocidental. Se pensarmos a partir de VERNANT:

⁶ (...) A documentação relativa à Grécia é ao mesmo tempo mais extensa, mais diferenciada, mais bem elaborada que a de outras civilizações. (...) A estas vantagens de fato, acrescentam-se argumentos de conteúdo. As obras que a Grécia antiga criou são bastante “diferentes” daquelas que formam o nosso universo espiritual para nos expatriar de nós mesmos, para nos dar, com a sensação da distancia histórica, a consciência de uma transformação do homem. Ao mesmo tempo, elas não nos são estranhas, como, outras se transmitiram até nós sem solução de continuidade. Ainda estão vivas nas tradições culturais às quais não cessamos de nos ligar. (...)

Pois é, podemos estar distantes do mundo antigo, mas não cansamos de ler autores como Platão, Aristóteles, como historiadores como próprio Heródoto, Tucídides. E buscamos nele conceitos e pensamentos, que nós do tempo do mundo atual necessitamos. Ou seja, ir atrás da antiguidade, faz ao homem buscar a origem de seu pensamento.

E outro motivo que nós colocamos diante a antiguidade, é buscarmos algo que foi esquecido, algo que não foi trabalhado, ou outro historiadores não acharam importantes, desse modo faz a nós buscarmos a estudar o a mitologia em Heródoto, e perceber o que foi “esquecido”.

⁶ VERNANT, J.P. Mito e o Pensamento entre os gregos antigos. Tradução de Haiga Nuch Sarian - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pp. 16

Nosso artigo tem um dos problemas em enfrentar o anacronismo, pode parecer bem básico tal problema, mas é exatamente porque estamos partindo de mundo contemporâneo, o qual tem suas relações sócias culturais bem distintas da antiguidade. E ao olharmos a antiguidade depararemos com um “outro mundo”. E ainda mas, estamos limitados aos olhares desses autores sobre o mundo antigo. Consequentemente , exige de nós o cuidado e atenção as nossas investigações, para que possamos elaborar esse artigo.

Mesmo tendo que enfrentar os problemas citados acima, estamos procurando construir nosso olhar sobre essa leitura sobre Heródoto, e acima de tudo, fazendo uma nova leitura, não mais certa que outras, nem mais verdadeira que outras já construídas, buscaremos construir uma leitura nossa.

Então finalmente procuraremos no universo das narrativas de Heródoto, perceber como os *mythos* se relaciona com os personagens heroditianos, e, ainda percebendo que mesmo o autor destacando uma obra científica, investigativa, ela esteve trazendo aspectos do misticismo helênico e bárbaro, ou seja, trazemos a nós um pouco desses aspectos culturais.

Heródoto: Uma síntese de sua vida

Possivelmente Heródoto nasceu em 484 a.Cem Halicarnassos, Ásia Menor, nos limites do Império Persa. Era de família ilustre e, segundo a tradição, viveu exilado em Samos, durante a juventude, em conseqüência de sua participação em um levante contra o tirano Lígdamis. Alguns autores nos permitem ter indício que Heródoto voltaria a sua terra por volta de -454, pouco depois da queda de Lígdamis.

Conduzido por esse espírito da curiosidade, como também o auxilio das narrativas orais dos viajantes, Heródoto inicia suas viagens percorrendo diversos espaços, territórios como o Egito, Lídia, Babilônia, Fenícia. O autor baseando nessas histórias de viajantes, passa a ser estimulado imortalizar o passado dos seus antepassados, além de apresentar um forte sentimento patriota, procurou construir nas suas narrativas, o passado dos gregos e dos bárbaros, e os motivos que fizeram combater.

Heródoto, possivelmente tenha vivido em Atenas, onde tenha tido contato com um informante de Esparta. Porém, um dos problemas encontrados pela a historiografia é localizar o local onde ele tenha falecido, assim surge suposições, como a Bibliografia da Enciclopédia virtual Wikipédia⁷, que expõe a morte de Heródoto, como sendo em Thurii.

É importante termos em mente que Heródoto não é apenas um historiador, passa a ser considerado um *logio*, isto é, recitador de prosa *logai* ou histórias, cujos temas baseavam-se em contos de batalhas, as maravilhas de países distantes e outros acontecimentos

⁷ Enciclopédia Virtual Wikipédia, endereço eletrônico: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Her%C3%B3doto>

históricos, expostas de forma oralmente. Portanto, um possível caminho utilizado pelo autor para que expor-se suas histórias, suas narrativas.

Na sua bibliografia consta dois livros: uma história da Assíria, hoje perdida. E a grande obra de sua vida — *Histórias* — que chegou até nós praticamente completa, publicada em 424 a.Ce 430 a.Cconsta que apresentou uma leitura pública de trechos da obra em Atenas. Essa ultima obra foi é constituída por nove livros, intitulados por nomes de musas, pelos últimos editores.

“Histórias” - As narrativas Heroditianas.

O pai da história, assim como a tradição passou a chamar Heródoto, tem em sua obra uma característica de ser investigativa, de evitar que os feitos maravilhosos dos gregos e bárbaros possam ser apagados. Dessa forma, Heródoto tem uma grande preocupação em deixar na memória esses feitos fabulosos.

Uma obra constituída por nome livros, os quais são intitulados por: *Clio, Euterpe, Tália, Melpomene, Terpsicore, Erato, Polimnia, Urânia, Capíope*. Tais títulos trás a nos nove nomes de musas da antiguidade, entre elas a primeira, Clio, a deusa considerada por muito como a deusa da história. Assim tais livros passam a formar o livro como todo, *Histórias*.

Tal obra destaca por apresentar nos primeiros seis livros a construção do império persa. Mostrando como o imperador Ciro, como o primeiro monarca asiático a conquistar as cidades-estados gregas e também conquistar os domínios de Creso, governante Lídio. Esses seis livros têm como o fim narrar à derrota das tropas persas contra os exércitos gregos, na batalha de Maratona.

Os últimos três livros descrevem a tentativa do rei persa, Xerxes de vingar a derrota persa para os gregos. *Histórias* tem seu fim em 479 a.Ccom à derrota os persas, e a expulsão na batalha de Pataea e o recuo da fronteira do Império Persa para as linhas da costa da Ásia Menor.

A obra – *Histórias* – de Heródoto, se destaca ainda pela preocupação de seu autor em buscar a verdade dos fatos, ou como os fatos “realmente” ocorreram. Assim, trás e suas narrativas uma preocupação de narrar como os fatos possam ter “realmente ocorridos”.

Sua obra é marcada por usar os testemunhos como a fonte de sua pesquisa, assim parte a fazer destes meios, a construção de suas narrativas. Desta forma percebe-se a aproximação do discurso oral com o discurso estrito. E esta aproximação permite percebemos como seus livros passam ter uma linguagem mais simples, mais própria para o publico. Apresentando uma linguagem cheia de digressões maravilhosas que permitem a compreensão de um modo mais claro.

O texto ainda apresenta o objetivo de trazer os motivos pelos quais gregos e bárbaros começaram a lutar. Assim enumera pseudocausas que podem levar o esse indício, causas como o rapto de mulheres como Io, como Helena. Tais raptos seriam motivos para a eclosão da guerra entre helenos e bárbaros.

Uma obra ainda rica por uma característica temporal cíclica, onde tudo segue o fluxo do tempo, onde vai crescer, progredir, e depois tende a se destruir, ou seja, nem um individuo é feliz ao extremo, ele terá motivos de desgraça, de tristezas na sua vida. Tal pensamento, marca a presença de como para os gregos era a idéia da vida, como um cíclico. Então Heródoto, ele trás essa marca da sociedade para a sua obra.

A obra de Heródoto nos trás, em específico, das questões que concernem ao campo da história e da historiografia antiga, é, por um lado, a percepção da importância da compreensão das idéias e das experiências históricas das sociedades antigas ocidentais como bases de nossas próprias leituras de mundo e práticas sociais e, por outro, acessar uma obra que inicia a tradição de escrita da história. Heródoto percebe/explicita a necessidade de se registrar a memória dos feitos dos homens para que esta não se apague com o passar do tempo, deslocando as narrativas do campo oral para o da escrita, “eterniza” as experiências de gregos e de bárbaros.

Encontramos em Heródoto a preocupação de que os feitos, por ele considerados “maravilhosos”, não sejam esquecidos. Como o próprio autor a nos apresenta:

Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnassos teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos Bárbaros, permanecessem ignoradas; desejava ainda, sobretudo, expor os motivos que os levaram a fazer guerra uns contra os outros.⁸

A memória das ações de gregos, egípcios, citas, Babilônicos, como tantos outros, por ele pesquisados, possam, a partir de sua escrita, permanecerem registrados para a posteridade. Edifica um monumento historiográfico que enfeixa distintivamente as variadas culturas de que toma conhecimento, através de suas viagens, de narrativas testemunhais e de consulta à produção escrita que lhe antecede⁹.

Assim nos incita a estudar Heródoto é a busca por desenhar novos olhares da escritura heroditiana. Acerca dessa questão François Hartog¹⁰ nos coloca:

(...) A tarefa de um historiador da cultura pode, a partir daí, constituir em dar a ler textos, reconstruindo – para falar como hermenêutica – a questão à qual eles respondem,

⁸Heródoto, op., cit, pp. 43.

⁹ Neste sentido ressaltamos a presença de elementos da épica, da dramaturgia e da logografia. Para esta questão veja-se DUJOVNE, Leon. *A filosofia da História Antiguidade e na Idade media*. Buenos Aires – Argentina: Galantea-Nuestra visión, 1958.

¹⁰ HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro*, trad.: Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte - MG: Editora da UFMG, 1999:16.

redesenhando os horizontes de expectativa em que, desde seu primeiro dia até os nossos (ainda que no modo de ausência), eles vieram inscrever-se, recalculando as apostas que fizeram e significaram, apontando os quíproquós que sucessivamente provocam. Essa historização não significa modernizá-los ou atualizá-los, mas, sobretudo fazer ver a sua inatural atualidade; suas respostas a questões que nós não mais levantamos, não sabemos mais levantar ou simplesmente “esquecemos”.

Questões que durante muito tempo passaram à margem das preocupações centrais dos indivíduos das sociedades modernas e contemporâneas, podem ser percebidas como centrais nas *Histórias* de Heródoto e, acessá-las, pode nos orientar para a emergência de seu debate na atualidade. Nesse sentido, as representações que Heródoto constrói do “eu” e do “outro”, conforme discussão promovida por Hartog, vem a contribuir para o aprofundamento do debate na contemporaneidade.

É fundamental perceber que Heródoto inova em sua obra por trazer essa relação em comparar os helenos e os bárbaros, passando a fazer uma relação antropológica. É interessante perceber como ele trás essa relação nas próprias entrelinhas de as *histórias*, pois basta a nós lembrarmos do diálogo entre Sólon e Croisos. Um Diálogo que Heródoto colocaria frente a frente o helênico e o dito bárbaro, colocando de lados opostos o ocidental e o oriental. Um diálogo, onde Croisos buscariam falar com o helênico, e mostrar a ele toda sua riqueza, toda sua glória. E por outro lado Sólon afirma que o mais feliz é aquele que obteve poder, glória, porém é aquele que também pereceu em combate, e por esse último enumera alguns gregos que haviam sido gloriosos e haviam por fim obtido para ele a vitória maior, pereceram em guerras.

É interessante a construção do diálogo entre os dois personagens, como ambos parecem se manter em locais distantes, sem se aproximar, sem reconhecer a superioridade de lados opostos. É perceber de um lado o mundo tirânico bárbaro, em oposição ao mundo helênico, as cidades-estados.

A obra de Heródoto é rica também em trazer a importância da relação do oráculo com a sociedade antiga, e como os homens passariam a reger suas vidas a partir das decisões de templos, de oráculos, de sacerdotes. Portanto, passariam a relacionar o misticismo com as narrativas. E dessa forma, os deuses permanecem se ligando aos homens, como condutores de uma sociedade que precisa oferecer, agradecer, as forças divinas.

A obra de Heródoto tem grande importância porque introduz em seu texto a necessidade de se estudar e narrar eventos da cultura clássica e como da cultura persa, dentro desta narração surge os aspectos culturais, como a organização dos povos, a alimentação, e em seus registros surge às marcas dos oráculos e por fim os mitos.

Dentro das suas narrativas um elemento surge como fator fundamental, o mito. A obra de Heródoto é marcada por apresentar os registros de aspectos mitológicos que nos conduzem a pensar como era para Heródoto fundamental, encontrar elementos que conduzissem

explicações para impérios, para Deuses, para cidades, ou seja, para alguns elementos que participavam da vida cotidiana tanto de Gregos como persas.

O mito e a suas representatividade nas Histórias de Heródoto.

Um elemento que vem representar e adquirir diversos significados conforme comparece na narrativa Heróditiana é o mito, ele vem participar dando sentido a diversas narrativas de Heródoto, contribuindo para percebermos a relação dos personagens com a mitologia.. Desse modo o mito vai sendo utilizado como explicações de fatos, como acessão de impérios, de cidades, como ainda a explicar tramas de possíveis sujeitos históricos presentes na narrativa de Heródoto.

Ao depararmos com um aspecto tal singular como o mito em Heródoto, então, como já falamos, viemos a estudar o mito como nosso alvo de trabalho, na busca de tentarmos perceber que tipo de representação o *mythos* toma lugar na narrativa de Heródoto. Contudo, mais a frente destacará nosso trabalho como entendermos o olhar e Heródoto sobre a mitologia.

Antes de falarmos de que forma Heródoto representou a mitologia em sua obra, achamos necessário abrir um diálogo com Vernant, para entendermos um pouco melhor da relação mito e a sociedade grega antiga.

(...) Quer se trate de fatos religiosos – mito, rituais, representações figuradas -, de filosofia, de ciência, de arte, de instituições sociais, de fatos técnicos ou econômicos, nós os consideremos sempre na qualidade de obras criadas pelos homens, com expressão de uma atividade mental organizada. .Por meio dessas obras, buscaremos aquilo que o homem foi, este grego antigo que não se pode separar do quadro social e cultural do qual ele é, ao mesmo tempo, o criador e o produto. (...).¹¹

Como o próprio Vernant¹², expressou a cima, as representações culturais como a mitologia são frutos da criação do próprio homem, que passaram a construir a própria relação com a sociedade. Q que faz que o criador do mito torna-se um produto da relação desses *mythos* junto à sociedade, construindo para tanto uma serie de regras de valores, como o caso da religião. Assim do mesmo modo ocorreu à sociedade grega antiga, uma sociedade que construiu uma serie de crenças ditas mitológicas que iniciaram a explicar a própria organização sócio-cultural no interior da sociedade grega.

O pensamento grego antigo inseriu a mitologia como sendo um aspecto fundamental na explicação da sociedade, ao destacarmos isto estamos levando em conta à importância da

¹¹Vernant, op., cit., pp.15

¹² VERNANT trás em sua obra como Hesíodo busca incorporar o mito nas sua histórias. Como esse trouxe em seus textos a importância dos mitos explicarem a construção da sociedade grega. Para isso mostra utilizando o mito do **trabalho e dos dias e mito das raças** para mostra a relação deuses e homens.

idéia dos deuses. A vida cotidiana é permeada da relação com os deuses nesse sentido temos que a necessidade da crença nos oráculos, no próprio culto aos deuses. Portanto a sociedade grega antiga foi construída numa condição hierárquica dos deuses sobre os homens. Um exemplo disso, é que momento se vai a guerra é necessário falar aos deuses, no momento que se planta é necessário agradecer o deus da terra, no momento em que se nasce é necessário agradecer aos deuses. Portanto, é o homem que elabora a mitologia, e ela passa a elaborar a vivência do homem. De acordo com a Vernant que diz na citação a cima, o homem grego antigo sendo o criador e o produto da relação com a mitologia.

A sociedade da Grécia antiga tinha uma relação muito próxima com a mitologia, de tal forma era a proximidade entre a sociedade e a mitologia, que os gregos tinham nos mitos explicações para explicar a lógica do casamento, a lógica da guerra¹³, ou seja, os mitos faziam parte fundamental do pensamento grego antigo. Ao dialogarmos com Vernant, traz a nos uma obra ao qual o mito é apresentado de modo mais suave dentro da relação do à sociedade, mesmo assim o mito permanece inserido na relação de guerra, de família, de escravidão¹⁴.

E para se pensar esta relação do mito com a sociedade, podemos aqui partir com a relação do da mitologia em torno do casamento e do lar grego. É interessante pensar que o mito vinha explicar para os gregos por exemplo à necessidade do casamento, da relação com o “*oikos*” (Família), uma relação que o mito vinha construir uma explicação para ele. Onde a relação era construída na necessidade de se formar um núcleo familiar, cujo homem, deve-se buscar uma mulher de fora de sua casa, ou seja, alguém de sua cidade. Para parti-la desse ponto, se formar uma família. Para os homens gregos os deuses serviram como exemplos a seguirem, pois com os deuses os homens teriam a necessidade de se casar. Onde o exemplo do casamento entre os divinos serviria para os homens verem a necessidade de se casar.

E na relação de casamento Hermes e Héstia, representariam exatamente essa relação, pois ambos viriam representar o lar grego. Pois para os gregos, Héstia, era o símbolo da fogueira, da lareira, do ponto fixo dentro do lar, e Hermes, era o símbolo da porta de saída e de entrada, era o símbolo do externo, do movimento. É dessa forma que era construída a relação com a mitologia e a sociedade, em especial aqui fora mostrando a relação da mitologia com o lar grego, com a casa grega.

Portanto, é perceptível que a mitologia grega não era construída apenas em temor aos deuses, mas sim em ter na relação dos deuses como exemplos a serem seguidos, a serem buscados. E assim o casamento seria um exemplo desse modelo a ser seguido. Dessa

¹³ VERNANT, J.P. Mito e a sociedade na Grécia Antiga. Tradução: Myriam Campello 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

¹⁴ Ibidem

forma, os gregos teriam uma explicação para que fosse construída a lógica do casamento, a formação de uma família.

Ao retornarmos a obra de Heródoto deparamos com um universo onde ele traz uma relação onde o homem deve respeitar, de adorar aos deuses, e que as ações feitas pelos os homens são todas vistas pelos divinos. Os temores aos deuses fazem parte da narrativa de Heródoto.

(...) Conta-se que, tendo o Nilo transbordado dezoito côvados nessa ocasião, submergindo todos os campos visinhos (...) Fenon, numa loucura temeridade, tomou de um dardo e lançou no meio do turbilhão das águas, pouco depois seus olhos eram acometidos de um mal súbito e ele ficava cego.¹⁵

Nessa citação é a punição a Fenon por ter ofendido ao rio Nilo, pois para o Egito antigo, o rio Nilo era sagrado, portanto, teve como punição a perda da visão. Assim, em Heródoto o homem deve temer o sagrado, aceitar a submissão aos deuses, ao sagrado.

Como na sociedade grega e também em Heródoto o mito sendo um ator fundamental para a sua narrativa. O mito como um caminho para legitimar o poder, de reis, de deuses, como de impérios. Assim podemos ver bem isto ao entendermos em VERNANT, quando **o mito das raças**¹⁶, vem legitimar o poder supremo dos deuses, e a própria fragilidade humana. Então tanto na sociedade grega como em Heródoto a mitologia vai adquirindo lugares para dar sentido a fatos, e construir suas histórias.

Um dos mitos mais interessantes que encontramos na obra de Heródoto foi à origem do povo cita. Dentro dessa narrativa de Heródoto construiu uma série de outras histórias construindo umas quatro versões sobre a história. O mito se passa da seguinte maneira:

A Citia era outrora um país deserto. O primeiro homem que ali nasceu chamava-se Targitau, que os Citas dizem ser filho de Júpiter e de uma filha de Boristenis, o que não me parece crível. Targitau, dizem eles, teve três filhos: Lipoxais, Arpoxais, Colaxais, o mais jovem. No seu reinado, caiu do céu, na Citia, uma charrua, uma canga, um mechado, e um pires e ouro. O primogênito de Targitau foi o primeiro a vê-los e deles se aproximou com o desejo de apanhá-los; mas o ouro se inflamou. Tendo Lipoxais se retirado, veio então o segundo irmão, e o ouro tornou a inflamar-se. Compareceu finalmente o irmão mais novo, e como o ouro não mais se inflamasse, apoderou-se dos objetos e levou-os para sua casa. Diante desse fato, os dois irmãos mais velhos resignaram seus direitos ao trono em favor de Colaxais.¹⁷

O interessante dessa narrativa Heróditiana é que a história narra a escolha de um rei, para essa escolha é interessante perceber como o mito vai atuar dando uma explicação para justificar, nesse caso, Colaxais, passa a ser rei no momento que ele foi escolhido, porque a charrua de ouro não rejeitou, não se inflamou de fogo. O que nos deixa mais maravilhados

¹⁵HERÓDOTO, op., cit., pp. 252

¹⁶ Outro mito de Hesíodo, nesse explica a relação da sociedade humana em constante degradação, e mostra a própria necessidade dos deus. Sendo sua força sobre os homens.

¹⁷HERÓDOTO op., cit., PAG 436

é perceber de que forma o mito veio a surgir, como um meio para explicar um acontecimento.

Então, nas “Histórias,” Heródoto, vai elaborando sua narrativa, dispondo duas visões, o “crível” de um lado e o fabuloso de outro. Portanto, é necessário entendermos que o mito é senão um espaço no qual Heródoto narra, e posteriormente, utiliza de sua opinião para definir. E ainda percebemos como é imprescindível perceber a relação do crível junto ao mito:

(...) A dar credito aos Citas e aos gregos estabelecidos na Cítia, cada neúrida transforma-se, uma vez por ano e durante alguns dias, em lobo, voltado depois à forma humana. Por mais que os Citas o afirmem, não posso crer em tal coisa, que a meu ver, não passa de fantasia, embora eles cheguem mesmo a jurar sobre a sua veracidade.¹⁸

Como já viemos dizendo Heródoto conduziu o mito a duas posições, entre crer e ser uma fabula, porém ele utilizou o mito numa forma de enriquecer seu trabalho, pra que está mitologia conduzisse a demonstrar a gloria dos povos gregos contra os povos persas. Uma busca de exaltar as culturas gregas e bárbaras. Como também é o mito responsável pela construção dos espaços, pela a origem dos oráculos, as cidades, dos impérios, Conseqüentemente, ao pensarmos o mito é necessário pensarmos um espaço de construção de uma imagem de algum elemento para Heródoto.

Por sua vez, a sacerdotisa de Dodona referindo-se à origem dos oráculos, contam que duas pombas negras, tendo alçado vôo de Tebas, no Egipto, foram ter uma à Líbia e a outra a Dodona; esta ultima, pousando no carvalho, disse articulando voz humana, que os fados queria quem naquele lugar fosse estabelecido naquele lugar um oráculo de Júpiter, e que os Dodonios, considerando aquilo ordem dos deuses, obedeceram. (...) ¹⁹

Como podemos entender na citação acima, o autor já utiliza de uma outra forma mito, dessa vez trazer a fundação de dois oráculos. Porém, na mesma pagina do livro, o autor trás algo interessante, ele próprio questiona o fato, sobre o **mythos**, ou seja, conduz expondo que nessa narrativa a qual surge à fundação dos oráculos, não crer nessa narrativa. ²⁰“ *Isso posto, darei agora minha opinião a respeito. (...)*”

É interessante pensarmos que Heródoto, nos parece utilizar o mito, a partir dele, desmistifica-o, criticando-o, então é este mito definido como incrível. Então, já podemos entender a função do mito, ele vai procurar dar à narrativa mais valorização. E mostrando os “caminhos” que ele construiu dando a possibilidade ao leitor em escolher a direção mais plausível.

¹⁸ HERODOTO, op., cit., pp. 493.

¹⁹ HERODOTO, op., cit., pp. 220

²⁰ Ibidem, Ibidem

Heródoto trás a importância do mito para valorizar eventos, desta forma o *mythos* transforma-se no espaço ao qual vêm pra destacar os fatos: Assim deve se pensar o *mythos* também como o caminho para se glorificar elementos na narrativa Heroditiana.

No vigésimo mês do curso, aconteceu algo verdadeiramente fenomenal, na casa de Zéfiro, filho de Megabizo, que com os seis outros destronara o mago: uma das mulas empregadas no transporte de provisões deu a luz a um potro. (...) Pondo-se refletir sobre o fenômeno, lembrou-se das palavras do babilônio, que dissera, no início do cerco, que os persas só tomariam a cidade quando as mulas dessem crias. (...) e que o insurreto usara daquela expressão por designa dos deuses.²¹

Então, o autor como pode ser percebido na citação acima, como o mito é valorizado, diz de sua importância, pois segundo este marcaria a conquista do império Dario, sob os babilônicos, E o mito foi uma forma de explicar a realização do fato. Então podemos pensar na narrativa heroditiana, também um mito associado ao despotismo, por aonde o mito conduziram a explicar a gloria de indivíduos, ou seja, a construção da imagem do Herói. . Está mesma mitologia passa a ser considerada uma posição de estratégia²² para Heródoto, pois ela torna-se usada de uma forma na qual o autor aproveita o melhor momento, fazendo com que o mito possa ser exaltado ou até criticado pelo o autor. Podemos ver bem um exemplo disto, se vemos a citação utilizada neste trabalho na pagina anterior, onde o mito narra à construção de dois templos de Júpiter. A partir desta narração Heródoto vem criticá-lo. Em contra partida se observamos o mito a cima, encontramos um mito sendo glorificado por Heródoto, um mito que vai conduzir a narração da queda da cidade babilônica. Neste caso é o mito transformado em algo para legitimar a história deste evento. Então pensando o mito como nas interpretações de heroditiana como sendo algo que iria construir suas narrações, a partir do momento em que o autor achar mais proveitoso exaltar, glorificar, ou apenas critica-lo.

Em contra partida é perceptível que esta mitologia que autor utilizou foi baseada em suas investigações, portanto construídas a partir do olhar de outro observador. Apenas neste ponto faz-nos questionar da verdade das narrativas, faz entendermos a construção em torno das histórias, se encontrados constituídos com o olhar do autor, onde o crer e o incrível dividem as suas abordagens.

²¹ HERODOTO, op., cit, pp. 424

²² Ao expormos sobre a tática, temos em mente a análise que Michel de Certeau faz sobre a tática e a estratégia em seu livro a Invenção do Cotidiano. Uma idéia de tática e estratégia que conduz a pensar a tática como sendo algo momentâneo, onde o autor deve aproveitar do momento para quebrar com os sistemas. E Heródoto, recorre à estratégia como sendo uma atividade bem pensada, onde busca utilizar do mito da melhor forma.

A Religião sendo um aspecto fundamental a obra de Heródoto.

Os rituais pelos quais se dava graças aos deuses do Olímpio, se lhes faziam súplicas ou se apaziguavam não requeriam templo, mas um altar. Havia altares por todos os lados, nos lares e nos campos, nos locais de assembléias, fora dos templos – por toda a parte, (...) ²³

Ao lermos à obra de Heródoto, encontramos a religião com um aspecto fundamental as suas narrativas. É nela que, alguns aspectos culturas de algumas sociedades aparecem, como seus deuses, seus oráculos, ou seja a mitologia grega antiga. Logo, cada narrativa pode ser entendida como hieroi logoi (discursos sagrados)

É necessário termos em nossa mente que a religião desde a antiguidade é um dos elementos que influenciam a vida dos homens. Não é necessário termos um período da história para vermos isso, os homens sentem desde a sua pré-história a necessidade de necessidade de buscar explicação para fatos então “inexplicáveis”, e a religião construiu-se neste espaço, na busca do homem em suas respostas, através de algo divino. Portanto pode ser percebido o poder de influenciar e de controlar que a religião apresenta.

Assim ao estudarmos a Grécia antiga, principalmente sua mitologia, é necessária levarmos em consideração a ligação desta mitologia com um outro aspecto, a religião. Não se pode procurar estudar a mitologia grega antiga, e deixar de lado a importância de elementos como deuses, como oráculos e os aspectos que fizeram parte dessa mitologia.

Em meio a essa sociedade politeísta, um elemento era de fundamental importância, os oráculos , estruturas religiosas que serviam a população para dialogarem com os deuses, e perguntarem sobre o seu futuro, suas conquistas, seus novos dias no amanhã.

Com um rápido diálogo com Vernant, encontramos uma sociedade grega em que o homem foi criador e produto da construção mitológica, uma construção que fez a sua estrutura social . Assim como o autor expõe: ²⁴*“Por meio dessas obras, buscaremos aquilo que o homem foi, este grego antigo que não se pode separar do quadro social e cultural do qual ele é, ao mesmo tempo, o criador e o produto. (...)”*.

É desse mesmo modo que a narrativa de Heródoto é constituída, na busca dos homens da antiguidade buscar no poder da religião como uma forma de explicações para os fatos que os cercam. Então assim surgem os templos, os oráculos. E ao pensarmos os sacerdotes, e as pitonisas que veríamos como intermediadores para os questionamentos dos homens na Grécia antiga.

Os sacerdotes ou *“hiereus”* ²⁵ eram homens considerados leigos, ou também funcionários do estado. Responsáveis em fazer os cultos aos deuses. Ao abrirmos um rápido diálogo com

²³ FINLEY, op., cit., pp4 3

²⁴ VERNANT, op., cit., pp15

²⁵ Definição da palavra Sacerdote.

FINLEY²⁶, nos deparamos com uma imagem de rituais que segundo o próprio autor “²⁷ não apresentavam muitos refinamentos”.

Pensar também os sacerdotes seria também observar uma relação para além do âmbito religioso, místico, é também pensar em uma classe que poderiam ascender no meio político, na liderança de povos. Assim temos como reflexos dessa imagem, o exemplo de Esparta, que em situações de emergências fazia uso de um governo com dois reis, os quais, ambos eram sacerdotes, ou seja, representariam o poder político e religioso.

Por vezes, subsistia com a “recordação” do passado, com no caso dos dois reis de Esparta, que eram os principais funcionários religiosos do Estado; ou em Atenas, onde o mais alto funcionário de culto era um dos nove arcontes, eleitos anualmente, vulgarmente chamo de “rei”²⁸.

Então, é perceptível observar a importância de um sujeito histórico como esses sacerdotes, que através desse “poder” de interpretar as mensagens divinas, passa também a fazer uso dele para ganhar importância política.

Heródoto mostra em suas histórias a importância de sacerdotes que seriam responsáveis em elaborar os cultos, os rituais e sacrifícios aos deuses. Homens que através de suas mãos controlavam as oferendas aos seres divinos. Então pensar um sacerdote, seria entender um sujeito que muitas vezes era o representante do deus na terra. Cujo mesmo apropriava-se do poder para fins próprios.

Dessa forma o homem tratado em Heródoto se encontra em meio a uma organização sócio cultural, a qual a religião passa submeter esse homem antigo a uma dependência a deuses, para que a sociedade obtivesse assim prosperidade. Portanto a obra de Heródoto, traz uma sociedade que vive em torno de três pontos bases, o temor, a adoração, e as gratidões aos deuses. Na narrativa de HERÓDOTO abaixo podemos perceber então como era elaborado o culto a deuses, no caso a baixo, demonstraremos o culto a Marte, feitos pelos citas:

Num corpo destinado às assembleias da nação erguem-lhe uma espécie de templo que preparado desta maneira amontoam feixes de gravetos, formando com eles uma pilha de três estádios de comprimento e outros tantos de largura mas de menor altura. (...) ali são amontoados todos os anos e cinquenta covados de pequenos pedaços de madeira, para manter na mesma altura a pilha que tende a baixar sob a ação dos intempéries. No alto cada não cita planta uma velha cimitarra de ferro como símbolo de Marte. (...)²⁹

²⁶ FINLEY, M.J. Os gregos antigos. Edições 70.

²⁷ Ibidem, ibidem

²⁸ Ibidem, ibidem.

²⁹ HERÓDOTO op., cit ., 467

Dessa forma escrita acima, a sociedade cita oferecia culto ao deus Marte. A necessidade de esse homem adorar e cultuar como uma forma de que o deus o agradasse no futuro. Uma relação de dependência ao qual era necessário oferecer aos deuses.

Porém mesmo adorando aos deuses, e os homens presenteando aos seres divinos nem sempre eram beneficiados com vitórias e conquistas, pois era necessário compreender a mensagem aos quais os deuses davam aos homens. Assim na narrativa de Heródoto ele trás como Creso, rei Lídio, havia começado guerra contra Ciro, rei persa. Para tanto ofereceu vários presentes aos deuses numa forma de presentear a eles para que obtivesse vitória. Porém ele acaba por ser derrotado. Assim no diálogo com Ciro, Creso fala:

*“O deus dos Gregos foi o culpado de tudo; ele, somente ele, persuadiu-me a atacar-te. É preciso ser muito insensato para proferir a guerra à paz. Na paz, os filhos sepultam os pais; na guerra, os pais sepultam os filhos. Enfim, aprouve aos deuses que as coisas assim se passassem”.*³⁰

Ao nos depararmos com a obra de Heródoto, sentimos como os templos e os oráculos passam muitas vezes a serem instituições políticas, do que suas funções meramente religiosas, por que ao passo que os reis questionam se podem atacar tal império, tal território, e os mesmos conduzem por suas respostas.

(...) Entediados com o repouso e julgando-se superiores aos Arcadenses, consultaram o oráculo de Delfos sobre a conquista da Arcádia. A pitonisa respondeu: “Pedis-me a Arcádia? Pedido excessivo; não posso satisfazê-lo. A Arcádia possui guerreiros fortes e decididos que repelirão vosso ataque; Todavia, para satisfazer vossa cobiça ofereço-vos a Tegéia, com suas extensas planícies”.³¹

Portanto o oráculo surge como uma forma de buscar conquistar novos territórios, e na obra de Heródoto, é predominantemente o oráculo consultado, para que reis busquem conquistar novas áreas, novas riquezas. Por consequência, entendemos a mitologia atuando em outro campo, no campo militar, deuses que protegeriam as conquistas dos exércitos. Vemos então os saberes poderes ligados aos saberes poderes, onde o rei para qualquer nova conquista buscava saber dos oráculos, se estas conquistas iriam conduzir a glórias.

Assim para satisfazer aos deuses os templos eram presenteados com oferendas, com ornamentações em ouro. Assim, através dos presentes buscavam oferecer aos deuses que conduzissem as glórias.

Ao ter grande conhecimento dessa resposta, Creso experimentou imensa alegria e alimentado à esperança de arrasar o império de Círio, enviou novos emissários a Delfos, com a finalidade

³⁰ HERÓDOTO, *op. cit.*, pp. 89.

³¹ HERÓDOTO, *op. cit.*, pp. 80

de presentear cada um dos habitantes (o soberano sabia o número exato) com duas balanças de ouro.³²

Ao pensarmos no poder de influencia que ele tem oráculo, ao lermos Heródoto, nos faz questionar a possibilidade destes sacerdotes conduzirem os reis pelo interesse próprio, onde buscassem desta forma a desfrutar da riqueza dos presentes. Ou seja, os líderes religiosos poderiam ser conduzir os impérios as conquistas, numa busca de conquistar glórias aos próprios templos e oráculos.

Outro fato que nos chama atenção é a própria comunicação entre oráculos com os homens, pois como Heródoto, deixou bem claro em sua obra, os templos falavam de maneira dúbia, aonde o que conduziam a mais de uma interpretação para uma ação.³³“(…) *predisseram um e outro, ao soberano a guerra contra os Persas e a conseqüente destruição de um grande império.*”. Então, através de uma linguagem dúbia, os oráculos conduziam aos reis a tomarem as próprias decisões. Em contra partida estavam sujeitos a se errarem, foram os erros dos homens, pois não haveriam compreendido a mensagem do oráculo. Então, a mitologia em Heródoto representa a imagem de uma sociedade que foi criadora e ao mesmo tempo produto da sua mitologia, que atuou diretamente sobre a religião grega antiga. Em meio a essa relação religião e mitologia o homem se encontra se insere no espaço de total dependência dos poderes divinos, onde como expõe VERNAT, nenhum fato fica escondido de Zeus, e assim chegaria o momento em que aqueles que ninguém sairia impune.

A primeira narrativa mítica comporta assim três lições: Impossível enganar Zeus. Nenhuma fraude lhe escapa. Toda injustiça é descoberta e punida mais cedo ou mais tarde. 2 A replica de Zeus à fraude de Prometeu institui a grande lei que a partir de então vai reinar entre os homens: nada é gratuito, tudo se paga.³⁴

Portanto, pensar em Heródoto, a religião é pensar a atuação predominante dos oráculos, como condutores de impérios, como aqueles que sabiam do futuro. Para isto eram questionados, eram procurados por homens que buscavam mais riquezas. E as derrotas que estes homens sofriam, não seriam motivos dos oráculos, e sim pela cúbica humana, pelo o sentimento de buscar cada vez mais glória.

Considerações finais. O mito e a religião, dois caminhos utilizados por Heródoto em suas histórias.

Os Pais Ensinam aos filhos como é a vida, relatando-lhe as experiências pelas quais passaram. Os mitos fazem a mesma coisa num sentido muito mais amplo, depois delineiam padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. Com o recurso da

³² Heródoto. op., cit., pp.72

³³ *Ibidem, ibidem*

³⁴ Vernant. Op., cit., pp. 74

imagem e da fantasia, os mitos abrem para a Consciência o acesso direto ao inconsciente coletivo. Até mesmo os mitos mais hediondos e cruéis são da maior utilidade, pois nos ensinam através da tragédia os grandes perigos do processo existencial.³⁵

Ao pensarmos o mito como uma representação em Heródoto, encontramos como esse fez diversos usos no decorrer de sua obra. Desse modo a citação de BRANDÃO acima, trabalha com uma das funções do mito, o ensinar ao homem, o mesmo modo que Heródoto também apresentou em seu livro, o mito ensinando o homem a conquistar seus espaços, mas também a aceitar o seu lugar de submissão diante dos deuses.

É necessário aqui lembrarmos que nosso trabalho não se encontra concluído, vem analisando até o sexto livro de Heródoto, ou seja, analisamos Clio, Euterpe, Tália. Neles viemos em busca da importância do mito e da religião no sentido de explicar suas histórias.

Portanto a mitologia torna-se fundamental na obra de Heródoto, pois para ele utilizar o mito é uma foi um caminho de legitimar os fatos, de através dos *mythos* encontrar um caminho para glorificar impérios, para mostrar a constituição de cidades. Como mostrar a própria associação entre o rei e o mito.

Ao dialogarmos com BRANDÃO³⁶, tivemos um auxílio para pensar o mito tendo uma representação em Heródoto de ter uma função de “ensinar” aos homens, de através da imaginação, permite ao homem viajar em torno da consciência coletiva, no mundo cultural de cada sociedade.

A grande utilidade dos mitos, por conseguinte, está não só no ensinamento dos caminhos que percorrem a Consciência Coletiva de uma determinada cultura durante a sua formação, mas também na delimitação do mapa do tesouro cultural através do qual a Consciência Coletiva pode a qualquer momento voltar para realimentar-se e continuar se expandindo.³⁷

O mito que vem glorificar e dar sentido para heróis, construindo a imagem de fatos ditos como fabulosos. Portanto o mito veio buscar através da mitologia exaltar a glória dos impérios, como exaltar próprio livro.

A mitologia torna-se para Heródoto, um caminho entre o crível e o incrível, onde era ganha uma posição ao ponto de que Heródoto utiliza para isto, a sua opinião, onde no que ele acha como crível, ou como fabuloso.

Para nos encontramos o mito se tornando uma tática porque foi nele Heródoto, não estaria preso a apenas uma definição, como fabula, ou como crível, o mito seria de acordo com sua opinião. Se achasse necessário como uma fabula, o mesmo consideraria fabula, porém se aquela narração fosse considerada pelo o autor como glorioso, torna-se um fato, que o mesmo consideraria como crível.

³⁵ (BRANDÃO, Juanito de Souza, Mitologia grega. VOL.I. 12ª Edição, Editora Vozes Petrópolis – RJ, 1998.Pp. 09)

³⁶ BRANDÃO, Juanito de Souza, Mitologia grega. VOL.I. 12ª Edição, Editora Vozes Petrópolis – RJ, 1998.

³⁷ BRANDÃO,op., cit., pp. 10.

Portanto, não viemos aqui definir as abordagens de Heródoto, como corretas ou não, como mitos ou verdades, buscamos construir a importância que o mito adquiriu, como um caminho para se tornar explicações das histórias do autor acima citado. Assim, viemos procurar localizar as posições em que estas mitologias foram colocadas, posições de fatos apenas fabulosos, fantásticos ou fatos que explicariam a decadência de um império, fatos que conduziram à morte de reis. Ou seja, viemos atrás de estudar a mitologia que contribuiu para Heródoto construir sua abordagem, uma abordagem ao qual glorificava os mitos gregos, e tornava fabula os mitos persas.

Ao caminharmos no estudo de aspectos religiosos dentro da obra de Heródoto, deparamos com uma influência direta dos oráculos sobre os homens, pois para Heródoto, eram eles quem conduziam saber do futuro e neles os homens iriam questionar novas riquezas e conquistas.

Portanto, Heródoto nos permite pensar como os oráculos tornaram-se o grande líder dos impérios, pois, se para buscarem fazer algo, os homens iriam através dos oráculos buscarem se o caminho era proveitoso ou não. Se os deuses iriam protegê-los ou não. Muitos homens dependiam da força da religião, de um poder divino sobre eles.

Nessa relação de oráculo e homens, um elemento tornava-se chave, a pitonisa e os sacerdotes, pois eram eles que através dos encantos falavam aos homens as mensagens dos deuses. Porém expressavam através de uma linguagem dúbia, permitindo ao homem ter várias alternativas ou caminhos a serem seguidos. O oráculo expressava o caminho, bastava ao homem entender o melhor destino.

Por fim se torna necessário destacar que esta pesquisa não está concluída, ou seja, o trabalho no texto de Heródoto está sendo iniciado aqui, com um objetivo de prosseguirmos no estudo do mundo antigo, especialmente no estudo de Heródoto. Neste trabalho, porém, se encontra nossa abordagem apenas referente aos três primeiros livros de Heródoto, mesmo assim, permitiu nos vermos como a obra deste autor é ampla, de valor importantíssimo ao saber histórico.

Bibliografia

- CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. Tradução: Epharim Ferreira Alves. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes 1994.
- BRANDÃO, Juanito de Souza, Mitologia grega. Vol.i. 12ª Edição, Editora Vozes Petrópolis – RJ, 1998.
- FINNLEY, M.J. Os gregos antigos. Edições 70.
- HARTOG, François. O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre representação do outro; Tradução: Jacyntholins Brandão – Belo Horizonte. Editora: UFMG. 1999
- HERÓDOTO. História – O relato Clássico da guerra entre Gregos e persas; Tradução: J. Brito Broca; 2ª ed. Reformulada. São Paulo: Ediouro 2001.
- HERODOTOS: HISTÓRIAS. Introdução e Tradução de Mario da Gama Kury. Brasília, Universidade de Brasília, 1985.

VERNTANT, J.P. Mito e pensamento entre os Gregos. 2ª edição. Rio de janeiro. Editora Paz e Terra.1990

VERNTANT, J.P. Mito e pensamento entre os Gregos. Tradução: Myriam Campello 2ª edição. Rio de janeiro.Editora Paz e Terra.

VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a História. Tradução: Alda Balta e Maria Auxiliadora. 3ª ed. Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1995.